

<sup>23</sup> É o roteiro do livro já cit. na Nota 17, "Sabedoria e Poesia do Povo de Deus", Publicações CRB, 1993, Ed. Loyola, p/213-215

<sup>24</sup> Id., *ibid.*, p. 215

<sup>25</sup> Sobre este texto, ver o interessante estudo de KONINGS, J., "Meu reino não é deste mundo: de que se trata?" in RIBLA, n. 17(1994/1), p. 54-64, onde o autor explica que Jesus não propõe uma fuga do mundo, mas uma distinção entre o seu "Reino" e o "sistema" deste mundo, afirmando porém a sua missão de, no mundo, dar testemunho da Verdade...

<sup>26</sup> Também sobre este texto difícil, confira os estudos dos especialistas, p. ex., nos comentários dos Sinóticos. Parece-me pertinente a análise, já antiga, de KONINGS, J., in "Jesus nos evangelhos sinóticos", VOZES 1977 (esgot.), p. 110-113, sobre "o tributo a César" (Mc 12,13-17 prl).

<sup>27</sup> A propósito, sobre "mandar e ser mandado", não resisto à tentação de reproduzir o delicioso comentário de P.T.MARCHIORI sobre Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo no início do século, famoso também pelo incidente com Madre Paulina: "Dom Duarte era do tempo em que os bispos mandavam muito. Quem manda muito, erra mais. Muitos superiores descobriram, hoje, que, mandando pouco, se erra menos. Mandando nada, errariam menos ainda, não fosse o desastre de deixar confusão e desordem nas comunidades. Quem está designado para mandar, o serviço dele é mandar, não pode substituir esse dever, que hoje é o mais duro de todos, pelo serviço de lavar a louça. É preciso mandar, decidir, ordenar, mesmo com o perigo de errar. E aceitar com humildade as conseqüências, os desacertos, os descalços, e todas as contradições..." (cf P.T.MARCHIORI, "Elas andaram por estes caminhos" (história de Amabile Visintainer, Madre Paulina, e suas companheiras), Fpolis, 1994, p. 30.

<sup>28</sup> Única exceção parece ser o Apocalipse, que vê o Império como "cria" do Dragão (Ap 13) e Roma como a prostituta, fadada à destruição (Ap 17-18).

<sup>29</sup> Notar que o mesmo episódio, em Mt 20,20-23, é apresentado diferentemente, os dois irmãos aparecendo como "inocentes úteis" de sua mãe: Mateus, que se esforça por melhorar a imagem dos discípulos, mais negativa e franca em Marcos, coloca aqui na berlinda não Tiago e João, mas a mãe deles. Já Lucas não, tem ou omite o episódio, transpondo o seu equivalente para a última Ceia (cf Lc 22,24-27), à semelhança de João.

<sup>30</sup> O último número do "Notiziario della Comunità de l'Iso-lotto", Firenze, 1993/3, dicembre, apresentava o relatório de um Seminário nacional italiano das CDB (Comunità di Base), com o significativo título "Nè Padri nè Maestri" (Nem Pais nem Mestres)... evidentemente contestando a estrutura hierárquica da Igreja. Na conferência de O. DA SPINETOLI, "Le religioni: prepotenza degli assoluti", porém, ele começa reconhecendo que a proposta "Nem Pais nem Mestres" não é a "reivindicação de um anarquismo absoluto"... pudera!

<sup>31</sup> "Autoridades", lit. "os que detêm a autoridade", gr. *Eksousiáztontes*, que a BJ brasileira traduz indevidamente por "os que as tiranizam"... "Benfeitores", gr. *Evergétai*, era o título oficial de vários dos Ptolomeus do Egito, no período helenista.

<sup>32</sup> Como observa a TEB (Trad. Ecumênica da Bíblia, NT, Ed. Loyola), no mundo palestinese "o mais jovem" era o último na hierarquia e dele se esperava - como se espera ainda hoje - que fosse servicial (cf At 5,6) e que desse a precedência aos mais velhos (cf 1Pd 5,5)...

<sup>33</sup> "Mestre", mais do que os "mestres" fariseus, e "Senhor", gr. *Kúrios*, mais do que o Imperador de Roma!

<sup>34</sup> Notar como Pedro entendeu, humilde e colegialmente, esse ministério e o exerceu, no final da 1ª carta a ele atribuída: lemos aí sua exortação aos co-irmãos "presbíteros" para que apascentem o rebanho de Deus "não como senhores" mas "como modelos do rebanho"... a fim de poderem receber, do "Supremo Pastor", a coroa da glória (cf 1Pd 5,1-4).

<sup>35</sup> É interessante, a propósito de "candidatos", a observação da 1Tm 3,1 onde se afirma que é "boa coisa", "boa obra", "aspirar ao episcopado"... isto é, desejar uma liderança na comunidade. Contanto que tenham as qualidades para o cargo (cf *ibid.*, vv. 2-7) e a reta intenção, só podemos incentivar tais pessoas.

Endereço do Autor:

ITESC - cx postal 5041  
88040-970 FLORIANOPOLIS, SC

Política e Igreja

## Catequese: Lugar de Educação Política?

Pe. Juventino Kesting  
Professor de Teologia Pastoral

“**A** Política, enquanto atividade que concretiza a responsabilidade de todos pelo bem comum, é dever de todos na Igreja”<sup>1</sup>. A dimensão política da fé é uma prática recente no conteúdo da catequese. Fé é um ato político. É adesão consciente a

Jesus Cristo. Manifesta-se na atitude de pertença a uma comunidade eclesial. O cristão inserido no mundo é chamado para transformá-lo e fazer dele a morada digna de todos os homens. Tudo o que diz respeito à pessoa humana torna-se objeto e conteúdo da catequese: violência, injustiça, corrupção, desemprego, inflação, poder, autoridade, cidadania, educação, marginalização, agressões à vida, organização da

comunidade, o destino da pátria, as relações entre as pessoas, as classes sociais, a ética, a organização social... Tudo isso tem gerado novas posturas entre os cristãos, bem como conflitos e tensões.

Dois correntes predominam neste campo. Há aqueles que defendem a fé, a vida eclesial, como uma experiência espiritual desvinculada das circunstâncias que a cercam. Defendem que a missão da Igreja é uma *missão religiosa, espiritual*, e que é preciso a conversão do coração para Deus, de onde necessariamente surgirá melhoria na sociedade. Pois, muitos bons mudam a sociedade. Por outro lado, especialmente na América Latina, a partir de Medellín e de Puebla, surge uma nova prática da fé. Fé como adesão a Jesus Cristo, mas dentro de um compromisso histórico. Compromisso com a libertação de tudo o que oprime o homem e destrói a vida. Nesta linha situa-se a renovação da catequese, da pastoral e da prática dos cristãos, especialmente nas CEBs, na militância política e nas pastorais sociais.

O tema é amplo e polêmico. Não se pretende abordar todas as implicações na prática pastoral e na catequese. Tem-se apenas a pretensão de elencar elementos que se relacionam mais diretamente com a catequese, bem como levantar questionamentos que provoquem uma discussão a nível de catequistas na busca de uma catequese mais engajada na realidade e comprometida com a melhoria da qualidade de vida das comunidades.

## 1. SITUANDO O TEMA

A partir do Concílio Vaticano II (1962-65), mais especificamente, com a *Lumen Géntium* e a *Gáudium et Spes*, a caminhada da pastoral e da catequese seguiu novos rumos. A fé, o seguimento de Jesus Cristo, a vivência do Batismo, superou a dimensão individual e intimista e abriu espaço para a presença do cristão no mundo. O espírito desta nova ótica inspira-se no conhecido próêmio da *Gáudium et Spes*: "*As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo*"<sup>2</sup>.

O Vaticano II apresenta-se como uma plataforma de lançamento de novos desdobramentos: documentos sociais do Magistério, as Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo, Documentos do Episcopado Brasileiro, e a prática da Igreja no Brasil que nestes últimos trinta anos buscou integrar fé e vida, fé encarnada na realidade, fé comprometida com a realidade social, econômica e política.

A missão da Igreja, à luz da fé, define-se na medida em que ajuda a transformar a sociedade para que todas as pessoas tenham mais vida, comida, moradia, terra, trabalho, educação, saúde, lazer. "*Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância*" (Jo 10,10) resume toda a dimensão da missão de Jesus e da Igreja. A **vida** é o centro das preocupações da evangelização, da pastoral e da catequese.

Esta consciência tomou corpo a partir de algumas práticas da Igreja no Brasil, como a posição frente ao regime militar, a luta pelo retorno da democracia, as pressões pelas eleições diretas, as denúncias contra o desrespeito aos direitos individuais, a reforma agrária, a questão indigenista, a

solidariedade com os pobres e, mais recentemente, as romarias da terra, as semanas sociais, a defesa da cidadania, da ética política, a pastoral do menor e tantas outras causas abraçadas, manifestam uma Igreja consciente de seu papel na sociedade<sup>3</sup>. A Campanha da Fraternidade, atualmente renovada, sem dúvida tem dado um grande contributo para a consciência política, pois adiantou-se com temas de vanguarda que se desdobraram em mudanças substanciais no ser e viver do cristão.

## 2. TENTATIVA DE COMPREENSÃO

Não é fácil tarefa definir claramente qual a relação entre catequese e política. Compreender as implicações, bem como abrir perspectivas para uma catequese mais engajada na realidade, é um desafio. O documento "*Catequese Renovada*", ao abordar os compromissos cristãos decorrentes da fé, situa o cristão frente à política. Esta, busca o fundamento e a razão na vivência do amor fraterno. A sociedade atual carece de sinais mais significativos de amor fraterno em razão de uma política contrária à dignidade da vida.

"Não se pode viver o amor a não ser criando estruturas sociais e promovendo uma política global, que permita de fato reconhecer os direitos de cada pessoa e garantir as condições de vida que a dignidade humana exige"<sup>4</sup>. A fé, como interpelação global da existência, deve ordenar a política. Disso decorre que a omissão do cristão na vida política e a ausência de uma catequese transformadora e comprometida contribuiriam para a perpetuação da injustiça.

**A liberdade não é um elemento outorgado, mas, se é um dom, é também uma conquista**

"A sociedade humana tem uma dimensão política enquanto se organiza e se dota dos meios necessários para que a vontade dos membros possa se expressar e alcançar os fins coletivos" (5). É pela organização política que os homens buscam formas de convivência entre indivíduos, grupos e nações. Nesta forma de organização da vida social, a Igreja não pode ignorar a política enquanto expressão de opções e valores que definem a concepção de homem e a convivência entre os povos. Faz parte da missão da Igreja preocupar-se com todas as questões que envolvem o ser humano durante toda a sua vida.

Disto decorre que a questão de fundo situa-se no âmbito da interação fé e vida. A catequese, por sua natureza, apresenta-se como **educação da fé**. Num primeiro relance pareceria que não tem correlação com a globalidade da vida e as situações humanas e sociais em que vivem as pessoas. Por outro lado, se buscarmos o fundamento da catequese na prática de Jesus, percebe-se que Jesus age com a preocupação da globalidade da vida. Todo o agir e ser de Jesus caracteriza-se pela preocupação com a totalidade da pessoa. As curas e os milagres não eram apenas uma forma de tornar a sua missão mais evidenciada, mas uma preocupação com a vida das pessoas. Perdoava os pecados, curava os cegos, mudos, coxos, como sinal messiânico (cf Lc 7,22), mas com a preocupação de reintegrar a pessoa na comunidade e, assim, ser um sinal do Reino que já chegou (cf Mt 12,28).

Neste sentido, a catequese tem um papel relevante na formação política das comunidades. Isto não só em decorrência do grande número de crianças, jovens e adultos que estão envolvidos, mas principalmente pelas relações fraternas e pela forma organizativa da catequese. A catequese torna-se um exercício prático de como deve ser o relacionamento e a organização da sociedade. Nos grupos de catequese, nas comunidades, o princípio básico situa-se na fraternidade, no diálogo, no exercício da partilha, da honestidade, das intenções e na forma democrática como as decisões são encaminhadas.

Entende-se como **catequese política** aquela que evidencia a pessoa humana como centro das atenções. Cria-se uma rede de relações que vão interferir na prática do cristão no dia a dia da vida, no trabalho, no lazer, nas diversas profissões e atividades humanas.

### 3. EM BUSCA DAS FONTES

Entre o povo de Israel havia uma forte consciência política. A educação da fé não era feita através da transmissão de conceitos, mas através de relatos históricos (Dt 6,20-25; Dt 26,1-11). Estes relatos históricos estavam baseados na intervenção amorosa e libertadora de Deus junto ao povo (Ex 3,1-15). Deus exige de Moisés uma atitude política: "*Vai, reúne os anciãos de Israel e dize-lhes: O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó apareceu-me. Eu vos visitei, e vi o que se vos faz no Egito. Tirar-vos-ei da aflição do Egito para uma terra onde correm leite e mel*" (Ex 3,16-17). Entre a resistência de Moisés, a parceria com Aarão e a conscientização do povo para que se organize e busque a saída do Egito cria-se uma rede de comunicação que vai despertando a consciência política do povo. E a libertação acontece. É o êxodo. É a partida para uma nova realidade (Ex 12-14).

O deserto é o longo período do exercício da liberdade, de novos relacionamentos, de nova forma de organização do povo. **A liberdade não é um elemento outorgado, mas, se é um dom, é também uma conquista**. Isto tudo se concretizou no compromisso do Sinai. Compromisso com Deus: adorá-lo e amá-lo como o único. Compromisso com o povo: viver na justiça, no direito, na fraternidade, na sociedade igualitária, sem dominação nem exploração. Compromisso com o irmão: vivência fraterna, partilha de bens (Ex 19-20).

A derrocada de Israel começou quando, ao longo da história, esqueceram os feitos de Deus no Egito e o compromisso assumido no Sinai. A infidelidade à Aliança (cf Os 4,1-3), a idolatria (Jr 2,26-29), a injustiça (Am 5,10-12; Is 5,8-25; Ez 9,9), a opressão (Am 8,4-6; Is 30,12), a hipocrisia no culto (Am 5,21-24; Is 1,10-15) foram as denúncias insistentes dos Profetas.

### 4. JESUS DE NAZARÉ

Jesus nasceu pobre e se identificou como pobre (Lc 2,6 e 9,58). A proclamação messiânica, na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-22), define a postura e a prática de Jesus. No início de sua pregação fez-se rodear de um grupo de discípulos, homens do povo (Mc 1,16-20) e o povo simples e sofrido vinha procurá-lo (Mt 9,35-37) porque viam nele alguém solidário que atende, ouve, cura, alenta e liberta (Mt 11,25-30). Jesus ordenou a seus discípulos que repartissem o pão

multiplicado à multidão necessitada, de modo que "*todos comeram e ficaram saciados*" (Mc 6,34-44). Ele curou os enfermos, "*passou entre nós fazendo o bem*" (At 10,38). No final dos tempos, nos julgará pelo amor: "*Eu tive fome, estava com sede, era peregrino, estava nu, era prisioneiro... e tu me acolheste, me deste alimento, me visitaste, me deste um pedaço de pão*" (cf Mt 25,31-46). Exatamente por esta opção radical para com os sofridos, Jesus não era politicamente alguém alienado. Tinha consciência de pertencer ao povo judeu e se identificava com ele. Chorou ao sentir que seu povo não queria buscar uma nova maneira de viver (Lc 19,41-44).

Com o povo Jesus gastava tempo, parava, escutava, criava um relacionamento profundo. Jamais entrou em conflito com o povo simples. Mas logo no início da sua pregação encontrou resistência e oposição das autoridades estabelecidas. Não porque eram autoridades políticas e religiosas, mas porque defendiam um sistema que oprimia e machucava as pessoas. E por este poder político Jesus foi rejeitado, condenado e morto<sup>6</sup>.

A experiência da Igreja primitiva foi marcada por conflitos. De um lado, no mundo judeu, conflito religioso. A novidade da presença do Ressuscitado entrava em confronto com as autoridades, que não aceitavam essa presença incômoda. No mundo romano o conflito foi mais radical. Perseguições, martírios. Mesmo assim, a experiência do catecumenato e o testemunho dos cristãos influenciaram fortemente a realidade a ponto de lentamente transformá-la.

### 5. PROMOVER OS VALORES

"A fé cristã não despreza a atividade política; pelo contrário, valoriza-a e a tem em alta estima"<sup>7</sup>. A fé cristã solidifica-se no compromisso vivido na comunidade, onde o cristão vive a mensagem integral de Cristo. É uma mensagem que salva, que liberta, que atinge a raiz e a fonte de toda opressão, injustiça e discriminação. É missão da Igreja promover os valores que devem inspirar a política. E o faz mediante o testemunho e o compromisso concreto com a transformação da realidade. No Evangelho e na Doutrina Social da Igreja, os cristãos encontram critérios adequados para um agir transformador, para uma atuação coerente na construção da história, na defesa da dignidade humana, na justa distribuição dos bens, no empenho por uma nova ordem social.

### 6. O MEDONHO E O MARAVILHOSO

A realidade política, econômica e cultural do mundo indica uma situação desafiadora para o homem de hoje. Guerras, violência, corrupção, miséria, desemprego, descrença, vingança, egoísmo, exploração, opressão, drogas, pobreza, gemidos, doenças, fome. O modelo estrutural da sociedade e o seu desdobramento conjuntural geram divisões de classes com aumento significativo das massas pobres e excluídas. Esta realidade estarrece o olhar da criança, desorienta o idealismo do jovem, angustia o adulto e encurta os dias dos idosos. É a face do pecado (Gl 5,19-21). É o **medonho**. O diabólico.

A catequese não pode estar alheia a estas situações de pecado, pois... "está subindo ao céu um clamor cada vez

mais impressionante. É o grito de um povo que sofre e reclama por justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos" (8). Esta realidade será revertida através de ações concretas da Igreja. Ai está a força da Boa Nova (Lc 4,16-22).

Esta se concretiza quando a catequese anuncia e experiencia o **maravilhoso**, ou seja: o esforço pela transformação das estruturas injustas, a plenitude da cidadania, a liberdade como o maior dom que o homem tem, o pão nas mesas, o teto para todos, a criança e o idoso brincando nas praças, a mesa farta, o trabalho dignificado, o perdão acontecendo, a fraternidade celebrada, a fé em Jesus Cristo como centro de todo o agir e viver do cristão.

## 7. LUZES QUE INDICAM NOVOS CAMINHOS

Há um longo caminho a percorrer para que as comunidades vivam em profundidade a dimensão política da fé. Mas a Igreja Católica no Brasil tem dado um contributo inestimável através das Assembléias Gerais do Episcopado, dos documentos, das opções pastorais, da pastoral social, das CEBs, das denúncias proféticas, das Semanas Sociais, dos Movimentos populares, da renovação da catequese, da formação dos leigos, da formação política dos agentes.

### **Esta nova prática leva a catequese a assumir ações transformadoras**

Em Santa Catarina um fato merece destaque: De 5 a 7 de novembro de 1993, em Lages, aconteceu a 26ª Assembléia Regional de Pastoral, com o tema: "**Pastoral Política**". Ainda que não se tenha chegado a grandes resultados, mas o fato de a Política ser o tema dominante demonstra uma maturidade do Regional e ao mesmo tempo um avanço no sentido de perceber que a dimensão política deve perpassar toda a atividade pastoral (9). O fato de se constituir uma equipe de pastoral política e já com a incumbência de elaborar um subsídio orientador é um fato marcante.

No âmbito mais específico da catequese, alguns passos significativos apontam para uma interação maior entre fé e vida. A catequese lentamente vem superando o nocionalismo e caminha para a catequese como uma experiência de caminhada da comunidade. A realidade social, econômica, política já são elementos trabalhados na catequese. A catequese visa formar cristãos comprometidos com a realidade, incidir sobre ela, transformando-a, para que a vida prevaleça sobre a morte.

## 8. UMA NOVA PRÁTICA

Como deverá ser **uma catequese com dimensão política**? O que é específico da catequese e o que é específico da política? É a catequese a única responsável pela formação política do nosso povo? Estes e outros questionamentos inquietam os catequistas. Por vezes exige-se da catequese mais do que ela pode dar. A formação política do povo é uma ação conjunta de toda a pastoral, em todas as suas expressões. Nenhuma fica excluída. A catequese cabe a explicitação do Deus da Vida que em Jesus Cristo assume a

nossa condição humana (Fl 2,5-11) e a redime e salva. E a esta missão todos somos chamados.

Segundo Medellin, "a catequese atual deve assumir totalmente as angústias e esperanças do homem de hoje, a fim de oferecer-lhe a possibilidade de uma libertação plena, as riquezas de uma salvação integral em Cristo, o Senhor. Por isso deve ser fiel à transmissão, não só da Mensagem em seu conteúdo intelectual, mas também na sua realidade vital encarnada nos fatos da vida do homem de hoje". Por causa desse compromisso, "as situações históricas e as aspirações humanas constituem parte indispensável do conteúdo da catequese". Esta, pois, não pode desconhecer o momento histórico, "o processo de transformação social, exigido pela atual situação de necessidade e injustiça em que se acham marginalizados grandes setores da sociedade" <sup>10</sup>

Neste sentido, é tarefa da catequese contribuir para a libertação integral do homem, dando-lhe um sentido cristão. Em Santo Domingo, por sua vez, o Episcopado assumiu "fomentar a preparação de leigos que sobressaíam no campo da educação, da política, dos meios de comunicação social, da cultura e do trabalho" <sup>11</sup>.

Esta nova prática leva a catequese a assumir ações transformadoras através da consciência da cidadania, da ética, dos direitos humanos, da ecologia, do valor e dignidade do corpo humano, da distribuição justa dos bens da terra, da questão da moradia, da saúde, do transporte, do índio, das minorias oprimidas, dos excluídos... enfim, de tudo o que atinge e necessita o homem para que este possa viver com dignidade.

## 9. PRÁTICAS DECORRENTES

O documento "*Catequese Renovada*" propõe alguns caminhos básicos para uma catequese transformadora:

a. **O PRINCÍPIO DA INTERAÇÃO**. Retoma a proposta levantada por Paulo VI na "*Evangelii Nuntiandi*", quando afirma: "A Evangelização não seria completa se não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social dos homens" <sup>12</sup>

b. **PLANO DE ATIVIDADES EVANGÉLICAS E TRANSFORMADORAS**. As atividades catequéticas não são meros recursos pedagógicos que têm em vista a aquisição do saber, mas atividades "que visam a educação para um novo modo de agir e viver, em que a reflexão e a informação constituem elementos de um todo muito mais amplo" <sup>13</sup>

c. **A COMUNIDADE CATEQUIZADORA**. A catequese não é apenas uma instrução, mas "um processo dinâmico de educação da fé, um itinerário" <sup>14</sup>

d. **OS COMPROMISSOS DO CRISTÃO**. "Ter fé significa acolher nas coisas, acontecimentos e pessoas, o apelo de Deus que oferece sua Aliança de comunhão em Cristo. A fé cristã é adesão à pessoa de Jesus Cristo, à sua mensagem de libertação e de salvação; ela tem uma tarefa crítica e profética diante das situações contingentes da história no compromisso com os irmãos, incluindo a responsabilidade social" <sup>15</sup>. Estes compromissos o cristão assume na construção da história, na presença ativa na comunidade cristã, na família, no mundo do trabalho, na política, na luta pela erradica-

ção das causas da pobreza, nos direitos de uma cidadania plena.

Estas propostas sinalizam para uma catequese mais global, que leva o cristão a um compromisso na Igreja e na atuação concreta da realidade social, política, econômica e cultural. Assim, a ação da catequese há de levar em conta pessoas situadas, que vivem situações concretas: "O homem é um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos" <sup>16</sup>. Neste sentido, temas como os direitos humanos, ecologia, terra, empobrecimento do povo, solidariedade, trabalho, cidadania, ética, ordem democrática, nova ordem econômica... são temas profundamente catequéticos e que requerem linhas de atuação catequética na ordem da reflexão, dos conteúdos e na prática. Desta nova impostação decorrem **duas posições diferentes** :

### **a catequese surge como uma luz que busca indicar caminhos de transformação**

Uma tendência se encaminha para uma conscientização sócio-política desde a tenra idade. A catequese não deve ofuscar a dura realidade em que vivem as comunidades cristãs, a luta pela sobrevivência, as situações de injustiça, exploração, a violência, a corrupção... Nesta tendência, a realidade é lida à luz das causas estruturais que geram a pobreza e a exploração. Esta prática busca formar o cristão comprometido com a transformação da realidade. A leitura bíblica torna-se uma força que ilumina a fé e a caminhada do cristão na comunidade cristã. **Neste sentido, a catequese tem uma conotação política**, não necessariamente partidária. A consciência da realidade não significa ideologia e politização, mas formação de uma consciência crítica, e isto precisa perpassar a catequese em todos os níveis. A maioria das crianças, jovens e adultos, vivem concretamente a dura realidade social, e por isso não conseguem separar a catequese da realidade. A catequese apresenta-se como um espaço onde são partilhadas as dores, as lágrimas, as carências, as buscas e as esperanças da comunidade. É claro que a catequese não pode ater-se apenas aos dados da realidade, pois esta realidade precisa ser iluminada pela Palavra de Deus e provocar atitudes de conversão, de ânimo e de esperança.

Em contra-partida, persiste a tendência que procura suprimir ou, pelo menos, não levar em conta, os elementos da realidade social. Ela parte do princípio de que **a catequese é antes conhecimento e aprofundamento da fé** em vista da formação do cristão, e não espaço para reflexão sobre a realidade. A formação do cristão requer uma interação entre fé e vida. O objetivo primeiro da catequese é esta formação do cristão, seguidor de Jesus Cristo, membro de uma comunidade cristã, que vive os valores do Evangelho no cotidiano da vida através do testemunho, da vida celebrativa, da caridade fraterna e da comunhão eclesial. "*E sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria e até os confins do mundo*" (At 1,8), "*estando sempre prontos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que a pede de vós*" (1Pd 3,15). Assim a catequese é um processo dinâmico e abrangente de educação da fé, um itinerário que

acompanha o cristão desde o berço até a passagem para o "*novo céu e nova terra*" (Ap 21,1).

## **CONCLUSÃO**

A catequese tem uma missão decisiva na formação de verdadeiras comunidades cristãs. Diante da realidade atual, num mundo marcado por injustiças e corrupções, onde milhões de irmãos estão privados das mínimas condições dignas de sobrevivência, onde, em virtude do fenômeno da urbanização, as pessoas se aglutinam nas cidades que não oferecem condições de vida digna, a catequese surge **como uma luz que busca indicar caminhos de transformação**. "Esta realidade exige, portanto, conversão pessoal e transformações profundas das estruturas que não correspondem às legítimas aspirações do povo a uma verdadeira justiça social". "Um clamor surdo brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte" <sup>17</sup>. A fé é uma força que impele o cristão para a ação. Desta fé decorrem as seguintes características para a catequese:

**Catequese a partir da realidade**, iluminada pela Palavra de Deus, que atinja o homem de hoje no âmago do coração, capaz de criar homens e mulheres novos que se situem no mundo como fermento de transformação.

**Catequese inculturada**, onde os símbolos, as expressões culturais, as diversas etnias criem nova forma de relações, sem discriminação, sem imposição.

**Catequese dialogal**, onde a pessoa esteja no centro das atenções, e o catequizando se sinta sujeito do processo educativo para experimentar novas formas de convivência humana.

**Catequese política**, onde a fé não seja apenas uma adesão intimista, mas uma atitude política, transformadora, aberta para a vida, para os grandes valores, para o compromisso do cristão no mundo.

**Catequese com linguagem urbana**, capaz de formar mulheres e homens inseridos no contexto urbano para aí serem presença contagiadora do Evangelho.

**Catequese vida**, onde a experiência da fé possa ser sinal de vida e de esperança num mundo marcado pela desesperança e a desilusão.

**Catequese**, enfim, que privilegie os grandes valores cristãos, éticos e morais, para formar cristãos novos e que coloquem sua vida a serviço do Reino. ♦

## **NOTAS**

<sup>1</sup> Cf " *Catequese Renovada* " (CR), documento 26 da CNBB, n. 268

<sup>2</sup> Cf " *Gáudium et Spes* " (GS), Constituição Pastoral do concílio Vaticano II, n. 1/1

<sup>3</sup> Cf BALDISSERA, Adelina, " *Contribuição eclesial para a vida política* ", in " *Vida Pastoral* ", setembro-outubro de 1989, ano 30, n. 148

<sup>4</sup> Cf " *Catequese Renovada* ", n. 266

<sup>5</sup> Cf " *Igreja: Comunhão e Missão na Evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura* ", documento 40 da CNBB, n. 184

<sup>6</sup> Cf CANSI, Frei Bernardo, " *Um desafio para o catequista: transformar a realidade* ", Ed. Paulinas, 1991, p. 39-56

<sup>7</sup> Cf " *Conclusões da Conferência de Puebla* ", CELAM, 1979, n. 514

<sup>8</sup> Ibid., n. 88

<sup>9</sup> Cf " *Relatório da 26ª Assembléia do Regional Sul IV* ", Lages, SC, 5 a 7-11-1993

<sup>10</sup> Cf " *Conclusões de Medellín* ", CELAM, 1968, n. 8.6

<sup>11</sup> Cf " *Conclusões de Santo Domingo* ", CELAM, 1992

<sup>12</sup> Cf PAULO VI, " *Evangélii Nuntiandi* ", 1975, n. 29

<sup>13</sup> Cf " *Catequese Renovada* ", n. 157

<sup>14</sup> Ibid., n. 248

<sup>15</sup> Ibid., n. 110-116; 157-161; 246-280; 281-310

<sup>16</sup> Cf " *Conclusões de Santo Domingo* ", CELAM, 1992, n. 157-209

<sup>17</sup> Cf " *Conclusões de Puebla* ", CELAM, 1979, n. 27-42 e 88.

#### Bibliografia complementar

- " *Sociedade brasileira e desafios pastorais* ", CNBB, Ed. Paulinas, SP, 1990
- " *Educação, Igreja e Sociedade* ", CNBB, documento 47
- " *Exigências éticas da ordem democrática* ", CNBB, documento 42 da CNBB
- " *Participação popular e cidadania* ", CNBB, Estudos, n. 60
- " *Ética, pessoa e sociedade* ", mimeo, Diocese de Osasco

#### Endereço do Autor:

Seminário Teológico de Tubarão  
Caixa Postal 5073  
88040-970 FLORLANÓPOLIS, SC

### Política e Igreja

# Dimensão Política da Liturgia

Pe. Dr. Valter Maurício Goedert  
Professor de Liturgia

**N**o seu plano de amor, o Pai estabeleceu congregar na santa Igreja os que creêm em Cristo (LG 2), constituindo-a *sacramento universal de salvação* (LG 48). Por isso, a Igreja, sustentada incessantemente pelo seu fundador (LG 8), e observando fielmente seus preceitos, recebeu a missão de anunciar o Reino de Deus e de estabelecê-lo em todos os povos (LG 5), tornando-se *sinal levantado entre as nações* (AG 36), sinal daquela fraternidade que permite e consolida um diálogo sincero entre os homens e Deus e dos próprios homens entre si, sob a direção do Espírito Santo (LG 92; 21).

**não são, no entanto, secundárias as estruturas sociais**

Deste Corpo da Igreja somos membros e participamos de sua edificação (LG 7). Nascida do amor do Pai Eterno, fundada no tempo por Cristo Redentor e coadunada no Espírito Santo, a Igreja tem um fim salutar e escatológico que não pode ser atingido plenamente senão na vida futura (GS 40). Presente no mundo, ela é, contudo, peregrina e leva consigo, em sua caminhada histórica, a figura deste mundo que passa (SC 1; LG 48). Enquanto ajuda o mundo, a Igreja dele recebe muitas coisas (GS 45). Compete-lhe, pois, como mestra da Verdade, assumir a tarefa de anunciar e ensinar

autenticamente a Verdade que é Cristo, fomentando e elevando tudo aquilo que se encontra de verdadeiro, de bom e de belo na comunidade humana (GS 76).

Esta Igreja é constituída e organizada no mundo como uma sociedade e, por conseguinte, necessita de bens humanos para executar sua missão (LG 8). Por ser um dom de Deus, ela não constitui uma fundação humana. Conseqüentemente, a pertença à Igreja é uma iniciativa da graça divina, da escolha de Cristo. Embora o essencial da Igreja seja a comunidade espiritual animada pelo Espírito Santo, não são, no entanto, secundárias as estruturas sociais. Este caráter social e institucional se manifesta através de uma estrutura visível e clara que ordena a vida de seus membros, determina suas funções e relações, seus direitos e deveres (Puebla, 256).

A Igreja deve, pois, estar absolutamente presente na comunidade dos povos para fundamentar e despertar a cooperação entre os homens (GS 89). Como mãe, mestra e perita em humanidade, ela deve discernir e iluminar, a partir do Evangelho e de sua doutrina social, as situações, os sistemas, as ideologias e a vida política das nações (Puebla, 511).

Embora não se confunda com a ordem política nem esteja ligada a qualquer forma particular de cultura (GS 42), mesmo que não tenha respostas prontas e imediatas para todos os problemas da humanidade (GS 33), a Igreja, assumindo *as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje* e de todas as épocas (GS 1), entre